

**José Antônio Vieira**  
**Cristiane Navarrete Tolomei**  
**(Organizador)**

**Linguagem, discurso e cultura**

**Vol. 2**

  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**José Antônio Vieira; Cristiane Navarrete Tolomei [Org.]**

**Linguagem, discurso e cultura Vol. 2.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.  
289p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-5869-826-5 [Digital]**

1. Análise do discurso. 2. Análise literária. 3. Oralidade e escrita. 4. UFMA Bacabal. I. Título.

---

CDD – 410

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Trabalhos técnicos:** Cleyse Guimarães Siebra e Vitória dos Santos Pires

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

## SUMÁRIO

<b>Discurso político maranhense no twitter: uma análise do discurso em defesa dos direitos trabalhistas em twittes</b>	<b>7</b>
Anaildo Pereira da Silva e José Antônio Vieira	
<b>Aqui tem coisa de patativa</b>	<b>33</b>
Fábio José Santos de Oliveira e Mirlene Sampaio Pereira	
<b>Análise discursiva dos sentidos de leitura literária no Documento Curricular do Território Maranhense</b>	<b>49</b>
Alzilane Bento Fernandes, Glória Franca e Mariana Jafet Cestari	
<b>Literatura e a realidade: alguns pressupostos teórico-críticos acerca da violência</b>	<b>69</b>
Fernanda Meireles Mendes, Dílson César Devides e Aristóteles de Almeida Lacerda Neto	
<b>Os gêneros textuais no ensino de língua materna: as reflexões dos professores de codó e de Timbiras-Ma</b>	<b>89</b>
Luís Henrique Serra e Denílson Medeiros dos Santos	
<b>Varição indicativo/subjuntivo em documentos históricos do século XIX no Maranhão</b>	<b>107</b>
Wendel Silva dos Santos, João Vitor Cunha Lopes e Laine Barros Fortes	
<b>Reflexões acerca da identidade indígena no poema Marabá, de Gonçalves Dias</b>	<b>127</b>
Eveline Gonçalves Dias e Naiara Sales Araújo	

## AQUI TEM COISA DE PATATIVA

Fábio José Santos de Oliveira<sup>1</sup>  
Mirlene Sampaio Pereira<sup>2</sup>

“Querem saber quem eu sou?

[...]

Sou Cearense da gema

Terra da Índia Iracema

Criada por Alencar,

Me orgulho em ser Nordestino

Nasci com o dom divino

Da Cultura Popular”

Patativa do Assaré,

“Ao artista Zenon Barreto”, *Aqui tem coisa*

Muitos são os que já ouviram falar de Patativa do Assaré, sobretudo depois que Luiz Gonzaga (1912-1989), o “rei do baião”, musicou seu poema “A triste partida”. Não é à toa que, em “Encontro de Patativa do Assaré com a alma de Zé Limeira...”, assim se expressa o poeta: “[...] eu sou do Assaré o gigante afamado/poeta famoso [sic]” (ASSARÉ, 2012a, p. 71). É certo que o gênero do “desafio”, que caracteriza o poema referido, favorece formalmente esse traço de vaidade, indispensável, de certo modo, para que o embate entre as duas vozes confrontadas no poema se realize poeticamente. Mesmo assim (e aqui se encontra o ponto que destacamos), esse recurso formal do “desafio” não chega a apagar aí

---

<sup>1</sup> Professor adjunto da Universidade Federal de Sergipe (UFS), docente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB/ UFMA), docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura e Visualidade – LiteVis (CNPq/UFS).

<sup>2</sup> Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB/UFMA).

um fundo de verdade. Disso dá acordo Tadeu Feitosa em prefácio a *Digo e não peço segredo*:

Patativa está além dessas separações arbitrárias entre a cultura erudita e a cultura popular. Ele é simplesmente universal. É um mito, detentor de uma obra magistral, de uma lucidez extraordinária e é, sem dúvida, o “cearense do milênio”. (2009, p. 14)

Mas se o nome de Patativa não causa estranheza, o mesmo não podemos afirmar quanto aos livros que o poeta teve a oportunidade de ver impressos ao longo da vida. Quando muito, sua obra é conhecida de forma esparsa e na economia de alguns mesmos temas. E essa afirmação vale tanto para o grande público quanto para o ambiente acadêmico, inclusive entre os menos refratários às produções classificadas como populares.

Tentando suprir um pouco dessa lacuna, este ensaio se propõe a apresentar em poucas linhas algumas informações sobre a vida e a obra do poeta de Assaré, dando realce a *Aqui tem coisa* (1994), uma de suas últimas publicações. Escolhemos esse livro pelos seguintes motivos: 1) é das obras menos conhecidas de Patativa do Assaré; 2) o livro retoma poemas de obras anteriores, o que nos permite também uma passagem por outras publicações; 3) o livro apresenta poemas que põem em revista alguns fatos políticos e sociais do Brasil da década de 1990, revelando-nos, da parte do autor, um olhar em constante atualização.

Antes de tratarmos propriamente de *Aqui tem coisa*, apresentaremos algumas informações biográficas de Patativa do Assaré, de modo que o leitor possa se situar melhor em meio à cronologia das principais publicações do poeta e aos eventos que o possibilitaram sair do anonimato de sua terra para alcançar sucesso nacional e internacional. Repetindo: as informações elencadas aqui constituem apenas um preâmbulo para quem conhece pouco ou nada sobre o autor de “A triste partida”. Com esse panorama, esperamos que o leitor se sinta animado a um contato direto com a

produção de Patativa e, quem sabe, a um conhecimento mais aprofundado sobre sua poética.

## DE ANTÔNIO A PATATIVA

Patativa do Assaré, ou melhor, Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em 5 de março de 1909, no meio do sertão cearense, mais precisamente na serra de Santana, situada a 18 km da cidade de Assaré. Filho dos agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, Patativa, desde muito cedo, aprendeu a conviver com a dureza de um “sertão precário”, encarando, inclusive, uma cegueira, adquirida de uma doença não tratada devido à sua pobreza. Aos oito anos de idade chorou a morte do pai e, junto com o seu irmão mais velho, viu-se obrigado a trabalhar para ajudar a mãe na criação dos irmãos mais novos.

A realidade de privações o impossibilitou de frequentar a escola por muito tempo; por isso, não conseguiu formar-se em um grau específico, mas os quatro meses em que esteve na sala de aula serviram para que conseguisse ler o segundo livro de Felisberto de Carvalho, segundo testemunho próprio (cf. 2003, p. 11). Foi nesse período que se descobriu um grande apaixonado por poesia e que começou a produzir alguns versinhos sobre a realidade do campo e sobre algumas situações que ele presenciava. No contato com a terra, vivendo entre as alegrias e dificuldades do meio rural, o menino aprendeu a sonhar e a encontrar no chão ora verde, ora ressecado, a fonte para contar e cantar o Nordeste. Sua produção emergia da terra, brotava da lida diária, do convívio com os familiares e vizinhos (na sua grande maioria, pessoas sem escolaridade).

Possuidor de grande capacidade de memorização, declamava poemas de micro e macro extensão, conforme atestava o próprio artista: “recitei muita poesia para ele, pois a minha bagagem, que dava um volume, eu tinha toda na mente, toda guardada na

memória [...]” (ASSARÉ, 2012b, p. 12)<sup>3</sup>. De acordo com Carvalho (2017, p. 32):

Essa oralidade cristalizava a essência de sua poesia, para ser dita e ouvida, e que teve, na dimensão da voz e da performance, seu elemento definidor. Pode-se falar em seu processo criativo, solitário, na maioria das vezes, ao trabalhar o chão, quando imaginava uma cena e os versos se acumulavam, como camadas dessa mesma terra se superpunham. Depois, era só copiar, à noite, à luz da lamparina e o poema estava pronto. Desse exercício, deve ter vindo sua fabulosa capacidade de memorizar e que lhe permitia, aos 90 anos, dizer de cor composições como o “Vim Vim”, a mais longa de todas, com 58 estrofes de dez versos, espécie de desafio, a que se propunha, na superação de seus próprios limites, quando sua memória antiga estaria petrificada.

Um dos acontecimentos que marcaram a vida de Patativa foi a aquisição de uma viola. Com esse instrumento, ele começou a se apresentar em eventos locais, principalmente nas cantorias e pejeas organizadas por amigos e vizinhos. Foram justamente esses eventos que o consagraram como um sujeito de memória infalível.

O sertão cearense era o único espaço que Antônio Gonçalves da Silva conhecia até os 20 anos de idade, quando viajou para o Pará a convite de José Alexandre Montoril (primo da mãe de Patativa). Foi em terras paraenses e por seu cantar ser comparado ao da ave patativa, que o então jovem de 20 anos recebeu o apelido com o qual se consagraria.

Nesse momento, tudo o que o poeta tinha armazenado na memória passaria ao papel pelas mãos de Moacir Mota, filho do conhecido estudioso da cultura popular Leonardo Mota (1891-1948). Assim surgiu, no ano de 1956, *Inspiração Nordestina*, primeiro livro de Patativa do Assaré. Um sertão de diversidade seria representado por meio de quadras simples, de glosas a diversos motes e de sonetos comparados aos de Luís Vaz de Camões (1524?-1580):

---

<sup>3</sup> Originalmente, depoimento concebido a Rosemberg, no Crato, em 1979.

Patativa foi um leitor voraz dos poetas românticos brasileiros, o que levou a eleger Castro Alves como o seu preferido, em função do compromisso social e do condoreirismo. No Ceará, não poupava elogios a Rogaciano Leite e dizia não gostar de poesia sem rima. Em relação à forma, ela foi burilada pelo contato com o “Manual de Versificação”, de Olavo Bilac e Guimarães Passos, da mesma maneira que a poesia cabocla foi tributária de Catulo da Paixão Cearense e de Zé da Luz. (CARVALHO, 2017, p. 85)

Após a publicação do primeiro livro, Patativa obteve visibilidade. Com seu potencial reconhecido, o poeta não parou mais. Assim, no ano de 1966, surgia a obra *Cantos de Patativa*. A produção artística de Patativa e a qualidade com que falava das belezas e da vida do Nordeste chamaram a atenção de muitas pessoas, o que contribuiu para que novas publicações fossem surgindo e elevando o nome do poeta da roça. Dentre os que deram destaque à produção de Patativa podemos citar José Figueiredo Filho (responsável pela coleção *Patativa do Assaré*, na década de 70), Plácido Nunes (que intermediou no ano de 1978 a publicação de *Cante lá que eu canto cá*) e Rosemberg Cariry (através do qual surge *Ispinho e Fulô*, em 1988). Em comemoração aos 86 anos de vida do poeta, o Governo do Estado do Ceará publicou *Aqui tem coisa*.

Patativa do Assaré fez de sua criação poética um canto de resistência, dando voz àqueles que dificilmente seriam ouvidos, e isso fortalecia cada vez mais o interesse em debater a obra do poeta cearense. Para que se tenha uma ideia mais precisa da projeção da obra de Patativa, basta mencionar que ela passou a ser objeto de estudo na Sorbonne, em disciplina lecionada por Raymond Cantel:

Diz-se, com muita frequência, que Patativa do Assaré teria sido objeto de estudos na Sorbonne. Este fato se deveu à iniciativa do Professor Raymond Cantel, estudioso da literatura de folhetos, que esteve com o poeta quando visitou o Cariri, nos anos 1960. Cantel lia e discutia poemas de Patativa em seus seminários. Quem atesta esta assertiva, com a emoção da lembrança, é a professora da UFC (Letras

Estrangeiras) Martine Kunz, orientanda de Cantel, que participou destes seminários. (CARVALHO, 2017, p. 73)

Mas essa projeção não para por aí. Ainda segundo Carvalho (2017, p. 73):

No início dos anos 1980, chegou à Serra de Santana o inglês Colin Henfrey, professor da Universidade de Liverpool. Passou uns dias na companhia de Patativa e dona Belinha e traduziu o poema “Caboclo Roceiro”, publicado no livro “Patativa e o universo fascinante do sertão”, de Plácido Cidade Nuvens [...]. Nos anos 1990, passou por Fortaleza o poeta francês Jean-Pierre Rousseau, casado com uma cearense. Organizou uma coletânea de poetas nordestinos e a traduziu para o francês. Patativa participou com sete poemas, todos dentro da chamada “norma culta”. A coletânea foi publicada na França, em 2002. Sylvie Debs, estudiosa de cinema, professora em Strasbourg conheceu Patativa no Cariri, nos anos 1990, convidada para visitar a região pelo cineasta Rosemberg Cariry, então Secretário de Cultura do Crato.

Além de estudiosos da cultura popular, a obra do poeta de Assaré também chamou a atenção de artistas como Luiz Gonzaga, que lhe deu ampla visibilidade ao musicar os versos de “A triste partida”. Como sabemos, esse poema apresenta o sofrimento do nordestino que, não tendo condições de viver na terra ressecada pela estiagem prolongada, parte para o Sul do país. “Vaca Estrela e boi Fubá”, que também trata da migração nordestina, é outro exemplo de poema com versão musical, e não só na voz de Luiz de Gonzaga, mas também de Fagner e de Pena Branca e Xavantinho. Com isso, a criação poética de Patativa seguiu ganhando visibilidade: no ano de 1979, poemas como “O retrato do sertão”, “Lamento de um nordestino” e “Casinha de palha” fizeram parte de um LP produzido e declamado novamente por Fagner.

Pouco a pouco a produção da Patativa do Assaré saiu do pequeno espaço de Assaré e ganhou o mundo, tornando-o um poeta famoso. O poeta foi reconhecido por diversos estudiosos, teve sua obra musicada,

recebeu o título de doutor *honoris causa* no meio acadêmico e segue sendo objeto de estudo em trabalhos de conclusão de curso, em dissertações de mestrado e em teses de doutorado. Patativa do Assaré faleceu aos 93 anos, no dia 8 de julho de 2002.

## **AQUI TEM COISA**

*Aqui tem coisa* foi publicado pela primeira vez em 1994, com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. O campo estrófico e métrico dos poemas está constituído, majoritariamente, por décimas, oitavas e sextilhas em redondilha maior (ou até mesmo menor), sendo também frequentes as quadras decassilábicas, medidas flagrantes em muitos de suas produções. Os temas da obra, como de praxe em Patativa, são variados e bem distribuídos: a crítica social com enfoque urbano e (principalmente) campesino, a crítica política, o encanto com a natureza, o sagrado e a devoção popular, o afeto aos familiares, o encômio a pessoas queridas e a figuras da tradição cultural e artística, situações cômicas, causos exagerados e fantasiosos, etc. Sem medo de erro, podemos resumir o conteúdo da obra àquilo que o próprio poema de abertura, homônimo, garante: “Aqui Tem Coisa lhe diz,/ Coisa do campo e da praça/ Tem coisa que causa graça/ E outra que causa pavor” (ASSARÉ, 2012a, p. 9). A variedade está, desde o princípio, assegurada.

Um primeiro dado importante de se mencionar sobre esta obra diz respeito à retomada de poemas publicados anteriormente. De pronto, mencionamos apenas três deles, todos constantes (com algumas pequenas variações) em *Inspiração nordestina*:

1) “Meu premêro amor”: narrativa sobre um desencontro amoroso, cujos motivadores são a seca e a migração forçada: “Eu saí bem vagarôzo [sic]/ tão triste e tão disgostoso [sic]/ [...] só prunque [sic] ali ficava/ quem por mim tanto chorava,/ a moça que eu mais amava/ no sertão de minha terra” (ASSARÉ, 2012a, 166);

2) “Ilustrismo senhô doutô”, que enumera algumas oposições entre o campo e a cidade, como se através de carta endereçada ao “doutô” do título: “Eu não tô [sic] fazendo pôco [sic]/ lá da sua capitá

[sic],/ mas quando um pobre caboclo/ tem precizão [sic] de andá [sic] lá,/ se não levá [sic] sua rede,/ drome [sic] no pé da parede [...]” (2012a, p. 152);

3) “Bertolino e Zé Tingó”, um diálogo (próximo do desafio) entre dois amigos matutos e poetas, que revezam elogios e desapareços à figura da mulher: “ZÉ TINGÓ – [...] / porém já conheço a fundo/ que os dismantelo [sic] do mundo/ é por causa de muié [sic]// BERTOLINO – Zé Tingó, o dinhêro [sic] é grande/ com ele tudo se anima,/ mas o amô [sic] da muié/ derruba e passa por cima [...]” (2012a, p. 132)<sup>4</sup>.

Seguindo a lógica das retomadas, *Aqui tem coisa* reúne ainda dois poemas que já tinham aparecido em *Inspiração nordestina* e em *Cante lá que eu canto cá* (1978). São “A terra é naturá” e “ABC do Nordeste flagelado”. Como até se poderia suspeitar em virtude do título, “A terra é naturá” tem por assunto as expropriações e concentrações fundiárias. Através da bem conhecida interpelação ao “Senhô” ou “Seu Dotô” (ou ainda ao “seu coroné”), Patativa expõe alguns exemplos de injustiça flagrantes no campo, dando voz ao “agregado” no reclamo por um pedaço de chão onde viver e trabalhar. É justamente a esse “doutô”, símbolo de uma lei que legitima o abuso, que o matuto aciona a única arma de que dispõe: a voz. Para tanto, ele se vale de um argumento que une vida e transcendência, justificando como sagrado direito a partilha da terra:

Se a Terra foi Deus quem fez,  
Se é obra da Criação,  
Deve cada camponês  
Ter um pedaço de chão,  
Quando um agregado solta

---

<sup>4</sup> Em *Inspiração nordestina*, esses títulos aparecem grafados da seguinte maneira: “Meu Premero Amô”, “Inlustríssimo Senhô Doutô” e “Bertolino e Zé Tingó”.

As variações vérsicas, vocabulares e gráficas flagrantes entre as publicações mencionadas refletem, de algum modo, a dinâmica de uma poesia confiada à memória hercúlea de Patativa. Além disso e como podemos notar em ASSARÉ, 2003, p. 12, alguns poemas eram transcritos a partir do que o próprio poeta ditava.

O seu grito de revolta,  
Tem razão de reclamá [sic],  
Não há maió [sic] padicê [sic]  
De que o camponês vive [sic]  
Sem Terra pra trabaiá [sic]. (ASSARÉ, 2012a, p. 145)

Nessa edição de “A terra é naturá”, o poeta acrescenta uma dedicatória aos sem terra (cf. ASSARÉ, 2012a, p. 143), e isso não vem à toa: a reforma agrária também foi um tema caro à sua pena. Em “Lição do pinto”, por exemplo, facilmente encontramos no nascimento do “pintinho” uma alegoria da luta contínua do povo pela justiça no campo: “O pinto dentro do ovo/ está ensinando ao povo/ que é preciso [sic] trabalhar [...]” (ASSARÉ, 2012a, p. 127). Ou, conforme explicação do próprio Patativa: “[...] o pinto sai do ovo porque trabalha. Ele belisca a casca do ovo, rompe e sai. É assim que o povo também deve fazer [...]” (ASSARÉ, 2012b, p. 18)<sup>5</sup>.

“ABC do Nordeste flagelado” é um título também altamente informativo: dele depreendemos a forma utilizada para a composição (o ABC) e a referência às intempéries dolorosas da seca, assunto da obra:

Lamenta desconsolado  
o pobre do camponês  
porque tanto esforço fez  
mas não lucrou seu roçado,  
no banco velho sentado,  
olhando o filho inocente  
E a mulher bem paciente  
cosinha [sic] lá no fogão  
o derradeiro feijão  
que ele guardou pra semente (ASSARÉ, 2012, p. 93)<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Como vemos, também “Lição de pinto” já tinha aparecido em livro anterior; nesse caso, em *Ispinho e fulô* (1988).

<sup>6</sup> Os ABCs são formas bem aproveitadas pela Literatura de Cordel e caracterizadas por estrofes com o primeiro verso iniciado com uma das letras do alfabeto. As estrofes, nesse caso, são iniciadas por cada uma das letras do alfabeto.

Textos do teor de “ABC do Nordeste flagelado” dialogam bem com poemas como “Dois quadros”, também já aparecido em *Cante lá que eu canto cá*. “Dois quadros” reveza cenários contrastantes do sertão: um de verde vigoroso e outro característico aos períodos de estiagem. Nesse último caso, a seca atinge o campo, “outrora [...] tão verde e tão rico”, e fere a paisagem com “um manto de cinza por cima da serra” (ASSARÉ, 2012a, p. 88). “Porém quando chove”, nesse mesmo espaço tocado pela seca, tudo volta a ser “riso e festa”, e “o campo e a floresta prometem fartura” (2012a, p. 88). O poema, ao final, ressalta a figura do “forte caboclo”, que, feliz com a chuva, “marcha apressado” para “lançar a semente na terra molhada” (2012a, p. 89).

Para além desses, podemos citar ainda como publicações anteriores: “Meu avô tinha razão e a justiça tá errada”, “Pergunta de moradô” e “Resposta de patrão” (todos contidos em *Ispinho e fulô*). O título do primeiro deles serve como mote para todo o poema; a bem dizer, uma narrativa opiniática sobre as injustiças e violências sofridas por Damião, protagonista da história: os coronéis tomam a terra de um pobre e não lhe permitem queixa, e o flerte amoroso a uma moça da roça é tomado por assédio, o que garante alguns dias na cadeia ao protagonista. A reação final de Damião é a que se lê: “Fiquei munto [sic] revortozo [sic]/ Revortozo [sic] e disgostozo [sic]/ Com o que me aconteceu/ E hoje eu sou um vagabundo/ e não existe no mundo/ Quem minta mais do que eu” (ASSARÉ, 2012a, p. 34).

“Pergunta de moradô” é, na verdade, de autoria de Geraldo Gonçalves de Alencar (1945-2018), sobrinho de Patativa. O poema é constituído por queixas de um agregado contra seu patrão. De certo modo, o poema serve como desafio para Patativa, a quem caberia o encargo de sobrepor em outro texto o tema apresentado em “Pergunta de moradô”. Porém, aqui está todo o nó do embate: como Patativa poderia se posicionar do lado de quem sempre foi visto por

---

A versão de *Inspiração nordestina* acrescenta, inventivamente, uma estrofe relativa ao “til”: “Eu sei que o til não é letra/ E vou lhe substituí./ Dizendo que este ABC,/ Que dêxo [sic] findado aqui,/ É o retrato da seca/ Do Nordeste do Brásí [sic].” (ASSARÉ, 2003, p. 292).

ele como o opressor? A solução encontrada pelo poeta: permear o discurso da glosa com o cinismo próprio do patrão, o qual pouco se constrange do que fora acusado, antes se valendo de seu poder para silenciar o matuto:

Me pergunta o que eu faria  
se fosse o seu morador  
trabalhando todo dia  
bem por fora do valor  
e pergunta com o gesto  
de quem é correto e honesto,  
porém você está sabendo  
que em minha terra morando  
passa a vida me pagando  
e vai morrer me devendo (ASSARÉ, 2012a, p. 140)

E aí está o resultado: Patativa nem fuge dos termos do desafio nem renega suas convicções pessoais. E nem poderia renegá-las, esses problemas evidenciados no ambiente rural são uma constante na obra do poeta, porque, de certa forma, fazem parte de sua ética pessoal. Ainda outros poemas do livro poderiam ser mencionados nesse quesito: “Aposentadoria do mané do riachão”, “A mãe e a filha”, “Reforma agrária é assim”, “O Nordeste em São Paulo”, dentre outros.

Mas os temas abordados em *Aqui tem coisa* não se reduzem a esses apenas, como até já tínhamos mencionado pouco acima. Também se nota no livro o afeto do poeta por seus familiares ou amigos incentivadores de sua obra. Esposa, filhos, afilhado, todos recebem de Patativa alguma palavra de apreço ou de gratidão: “É minha esposa, minha sempre minha/ inseparável, doce companhia,/ por questão de beleza e simpatia/ eu troquei Belarmina por Belinha” (ASSARÉ, 2012a, p. 65); “Querem saber este casal quem é?/ alegre e rindo sem pensar na louza? [sic]/ sou eu Patativa do Assaré/ E a mulher é Belinha minha esposa.” (2012a, p. 68); “Minhas Filhas eu vejo que são três/ E cada qual é da beleza irmã,/ Se eu quero Lúcia, muito quero Inês,/ Da mesma forma que Miriam” (2012a, p. 80) e

“Quero que você perceba/ [...] Amor afeto e carinho/ Deste seu velho padrinho/ Patativa do Assaré.” (2012a, p. 227)<sup>7</sup>. Um afeto que, como afirmamos, estende-se também aos amigos divulgadores das produções populares e/ou de sua própria produção: “[...] O Xilógrafo Zenon/ Este Artista verdadeiro/ Retrata em Xilogravura/ Nossa popular Cultura/ Do Nordeste Brasileiro” (2012a, p. 54); “Continui [sic] fazendo assim/ meu camarada Boldrim,/ meu colega e meu irmão/ conserve o nosso folclore/ para que nunca descure/ as rosa [sic] da tradição” (2012a, p. 149)<sup>8</sup>.

Também se destacam em *Aqui tem coisa* casos curiosos, cômicos e/ou fantásticos. É o que encontramos, por exemplo, no frango da Meirlene, que, de tão graúdo, “só se [mataria] de trator” (ASSARÉ, 2012a, p. 107), e assim foi feito. Depois de morto, foram necessários “dois caminhões” (2012a, p. 108) para carregar pedaços do animal para uma multidão inteira, e isso sem considerar os “quinze dias no mercado” (2012a, p. 108) em que não se vendeu mais nada além de partes do frango. Curiosa também é a conversa entre duas comadres gambás: “Vamo [sic] combiná [sic] o dia/ Que eu vou com muita alegria/ Sua fia [sic] amadrinhá [sic]/ A sua casinha arrume,/ Mas não mêxa [sic] em seu perfume/ Deixe que eu vou perfumá [sic]” (2012a, p. 210)<sup>9</sup>. E outros poemas mais poderíamos citar dentro da mesma toada: “Mané besta”, “O bode de Miguel Boato e o efeito da maconha”, “Biografia de Sansão”...

Todos esses poemas referidos prolongam, assim, temáticas e perspectivas bem frequentes na produção de Patativa do Assaré. Mas o poeta também se atualizava aos debates mais contemporâneos, e, nisso, cumpria algo que é da essência dos poetas e cantadores populares, os quais, segundo Suassuna (2012, p. 159), “acolhem tudo”, sendo, por isso, divulgadores de uma obra mais “aberta, criadora e humana”. No caso de *Aqui tem coisa*, essa

---

<sup>7</sup> De, respectivamente, “Quem é esta mulher?”, “Felicidade”, “Minhas filhas” e “Ao meu afilhado Cainã”.

<sup>8</sup> De, respectivamente, “Ao artista Zenon Barreto” e “Ao artista Rolando Boldrim”.

<sup>9</sup> De, respectivamente, “O frangão da Meirlene” e “Perfume de gambá”.

atualização se dá, com maior evidência, em três planos: político, moral e pessoal.

O plano político está representado pelos principais acontecimentos do Brasil nos anos 1990, tais como os escândalos de corrupção envolvendo o ex-presidente da República Fernando Collor de Mello (1949-) e seu tesoureiro de campanha Paulo César Farias (1945-1996), o *impeachment* de Collor motivado por esses mesmos escândalos, a chegada de Itamar Franco (1930-2011) à Presidência nacional, entre outros: “[...] o Diabo que é falso e feio/ também entrou pelo meio/ e tudo dismantelou [sic],/ casou trama em tanta gente/ que até mesmo o Presidente/ do Brasil renunciou” (ASSARÉ, 2012a, p. 12); “[...] Ele e seu PC Farias/ As nossas economias/ Socaram na ratoeira,/ Prezós [sic] pelo mesmo elo/ Este Presidente Mello/ Fez a Maior Meladeira” (2012a, p. 16).<sup>10</sup> “Nunca houve um Brasilêro [sic]/ Que para ranjá [sic] dinhêro [sic]/ Fizesse corrupção, [sic]/ A noite é o mesmo dia/ E o Palo [sic] Ceza [sic] Faria [sic]/ Nunca rôbou [sic] um tustão [sic]” (ASSARÉ, 2012a, p. 35)<sup>11</sup>.

No plano moral, as inquietações mais hodiernas quanto à mudança de hábitos e comportamentos reforçam, da parte do poeta, padrões que ele julga indispensáveis e que, por isso, deveriam ser (e permanecer) inerentes ao ser humano: “Estas mocinha [sic] que assiste [sic]/ as desagradave [sic] cena,/ programa e novela triste/ que sai palavra obscena [sic]/ e as fia [sic] num vai [sic] não vai/ brigando com mãe e pai,/ fartando [sic] com o respeito,/ no futuro estas mocinha [sic]/ vão seguir na mesma linha,/ fazendo do mesmo jeito” (ASSARÉ, 2012a, p. 50)<sup>12</sup>.

No plano pessoal, encontramos um poeta impactado pela passagem do tempo e pelos efeitos físicos advindos com a velhice: “Fiquei sem jeito e sem prano [sic]/ ví [sic] o meu grande fracasso,/ os meus oitenta e dois ano [sic]/ iscanhado [sic] no ispinhaço [sic]”

---

<sup>10</sup> Cf., respectivamente, “Bom dia 93” e “Melo e Meladeira”.

<sup>11</sup> Essa estrofe foi acrescida ao poema “Meu avô tinha razão e a justiça tá errada”, comentado mais acima.

<sup>12</sup> Cf. “Presente dizagradave”.

(ASSARÉ, 2012a, p. 183). As marcas do tempo tornam-se ainda mais doloridas se confrontadas aos dias de infância, quando tudo nela e na natureza em volta se mostrava vívido e colorido: “No dezerto [sic] desta crista/ ninguém consola meus ais,/ fugiram da minha vista/ as belezas naturais” (2012a, p. 41)<sup>13</sup>. Mas se o tempo lhe retira a energia e frescor de quando jovem, fica, de sempre, o talento poético, e esse não se esvai: “Eu só tenho o rico dom/ que me deu nosso senhor,/ o resto tudo de bom/ o tempo veio e levou” (2012a, p. 183)<sup>14</sup>.

Não podemos negar que essas ocorrências de teor pessoal tornam *Aqui tem coisa* ainda mais tocante, porque elas figuram Patativa não só como um poeta experiente, conhecido e reconhecido, mas também como um sujeito ciente de que a vida não é eterna e de que a fragilidade física não representa senão uma oportunidade de lucidez a mais. Além disso e a despeito de tudo quanto possa se revelar como dor, o poeta completa a nitidez de um retrato pessoal na constância da vida no campo e da lida com uma poesia que é tanto de ontem, quanto de hoje e de sempre.

### “CABOCLO, ROCEIRO E AGRICULTOR”

Como pudemos observar em *Aqui tem coisa* (e isso também valeria para outras produções), Patativa do Assaré transita entre o erudito e o popular com igual tranquilidade, de forma que, em sua obra, são encontrados tanto gêneros poéticos mais tradicionais (como o soneto) quanto gêneros mais populares (a exemplo do ABC, do desafio e do galope à beira mar). Como também pudemos observar, o assunto das obras guarda a sinceridade de um poeta do campo, que se diz matuto e se apresenta agradecido e engrandecido por essa experiência. De certo modo, os valores que determinaram a vida do poeta são a essência da sua construção poética. Não é à toa que a figura principal de sua obra não é um herói de grandes feitos, mas um homem simples que não se conforma com a realidade de

---

<sup>13</sup> Cf. “A estrada da minha vida”.

<sup>14</sup> Cf. “Comí piqui e sonhei”.

sofrimento a que sua gente está submetida. A naturalidade com que expõe tudo isso é verdadeira, porque a produção de Patativa se mostra um sincero reflexo de quem assumiu a condição de poeta “caboclo, roceiro e agricultor” (ASSARÉ, p. 2012b, p. 12). No cômputo final, simplicidade e talento são dois termos que sintetizam bem sua vida e sua produção. A leitura de seus poemas, nesse sentido, proporciona-nos o contato com uma poética que ecoa criatividade e fôlego artísticos, razão suficiente para entendermos o porquê de sua permanência nos mais diversos ambientes, como um poeta, ainda hoje, lido, ouvido e homenageado.

## REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Inspiração nordestina**. São Paulo: Hedra: 2003.
- \_\_\_\_\_. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2012b.
- CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré: uma biografia**. 3 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- FEITOSA, Tadeu. Prefácio. In: ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. Organização e prefácio de Tadeu Feitosa. Belo Horizonte: s. ed., 2009.
- SUASSUNA Ariano. Notas sobre o Romanceiro Popular do Nordeste. In: \_\_\_\_\_. **Seleta em prosa e verso**. Organização de Silviano Santiago. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 249-284.
- Obras de Patativa do Assaré
- Inspiração nordestina**. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1956.
- Patativa do Assaré: Novos poemas comentados por J. de Figueiredo Filho**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.
- Cante lá que eu canto cá**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- Ispinho e fulô**. Fortaleza: Iocé, 1988.

**Balceiro:** Patativa e outros poetas de Assaré. Organizado por Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Alencar. Fortaleza: Secult/Ioce, 1991.

**Cordéis do Patativa.** Caixa com 13 folhetos. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 1993.

**Aqui tem coisa.** Fortaleza: Secult/Ioce, 1994.

**Patativa do Assaré:** Antologia poética. Gilmar de Carvalho (organização e prefácio). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.